

Tenente Camargo: a institucionalização de um “herói” regional

Ronaldo Zatta*

Resumo

No ano de 1965, exatamente um ano após ter sido instaurada a Ditadura Militar no Brasil, um grupo revolucionário articulado no Uruguai e intitulado Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN) adentrou nosso país com o intuito de fomentar um contragolpe. No entanto, pelo isolamento e pelo pequeno efetivo as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN) não cumpriram seu objetivo sendo logo capturado pelo Exército brasileiro, que no seu encalço teve um de seus homens morto em combate, o sargento Carlos Argemiro de Camargo. Camargo fora transformado em herói pela instituição militar, sendo realizadas diversas solenidades militares e civis em sua homenagem sendo construído, em cima deste episódio, o que, neste estudo, chamamos de *institucionalização* do herói regional. Orientado pelos estudos de *memória* no que segue, será dada ênfase à investigação de como se deu a construção deste “herói”, a sua institucionalização que serviu para legitimar e condicionar uma memória política na região em prol dos interesses do Governo Militar no conturbado momento político em que vivia a nação. Sendo construída a figura do “herói” regional e mártir, que serviu como exemplo de nacionalidade e atitude contra a ameaça comunista em momentos de instabilidade política e ajudou a moldar sentimentos e opiniões em toda a sociedade regional.

Palavras-chave: Exército. Contraguerrilha. Memória. Herói.

Considerações Iniciais

Em março de 1965, quando iria completar um ano de Ditadura Militar instaurada no Brasil, iniciou no Uruguai e seguindo pelo estado do Rio Grande do Sul uma tentativa fracassada de contragolpe em nosso país, comandada pelo ex-coronel de artilharia do Exército Jefferson Cardim de Osório, tendo como seu principal assessor Albery Vieira dos Santos, ex-sargento da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul (BMRS) (MITCHELL, 2007, p.51).

Existe a versão de que o ex-sargento Albery, um dos exilados mais corajosos e radicais, procurou Brizola solicitando dinheiro para realizar a incursão armada e este não forneceu (SILVA, 1987, p.189). Encontrando-se depois com Jefferson Cardim nasceu o movimento. Cardim era parente remoto de Castelo Branco e ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), veterano militante de esquerda, despertava ódio aos militares do Exército, por quebrar a ética militar quando se casou com a mulher de um companheiro e depois se amasiou com sua enteada (ARAUJO, 1997, p.124).

Com rapidez os dois começaram a se articular, mesmo sem apoio de Brizola conseguiram juntar mil dólares, três fuzis tchecos semiautomáticos e alguns revólveres. Arrumaram um caminhão e com vinte e três homens entraram no Brasil no dia 19 de março de 1965 (GASPARI, 2002, p.192). Com tal efetivo, em sua maioria reunida em território gaúcho, surgiram as FALN - Forças Armadas de Libertação Nacional (USTRA, 2006, p.139-140).

As FALN dominaram algumas unidades da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul (BMRS), recolhendo armas e munições destes quartéis e fazendo breves proclamações revolucionárias pela rádio local (MITCHELL, 2007, p.51). O grupo então se dirigiu para o sudoeste do estado do Paraná, onde seus integrantes acabaram sendo aprisionados pela Organização Militar que viria a ser a *Sentinela do Sudoeste*, a 1ª Companhia de Infantaria de Francisco Beltrão, e encaminhados ao 1º Batalhão de Fronteira localizado em Foz do Iguaçu.

Foi no dia 27 de março de 1965, por volta das 11 horas, na região de Santa Lúcia, Município de Capitão Leônidas Marques que, ao pressentir a aproximação das tropas do Exército, vindos de Francisco Beltrão, o grupo guerrilheiro realizou uma emboscada.¹ Esta ação guerrilheira produziu uma vítima fatal que, mais tarde, também se transformaria em “herói”: o 3º sargento Carlos de Argemiro Camargo, que servia na Companhia de Infantaria de Francisco Beltrão, o qual foi alvejado ao desembarcar da viatura (AUGUSTO, 2002, p.169).

Orientado pelos estudos de memória no que segue, será dada ênfase a investigação de como se deu a construção deste “herói”, a sua institucionalização que serviu para legitimar e condicionar uma memória política na região em prol dos interesses do Governo Militar no conturbado momento político em que vivia a nação.

Morre um soldado, nasce um “herói”...

O sargento Carlos de Argemiro Camargo, é filho de Rômulo Camargo e Leontina Rodrigues, nasceu em Ponta Grossa, no estado do Paraná, em 15 de abril de 1938, incorporando as fileiras do Exército no dia 20 de junho de 1957, no então 13º Regimento de Infantaria com sede na cidade de Ponta Grossa. No dia 17 de dezembro do mesmo ano concluiu o Curso de Formação de Graduados, sendo promovido à graduação de cabo na mesma data.

No dia 22 de agosto de 1959 deslocou-se de Ponta Grossa para o então conturbado sudoeste do Paraná, vindo a acantonar na cidade de Francisco Beltrão com a 1ª Companhia do 13º Regimento de Infantaria, hoje o 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. Em 31 de março de 1960 foi promovido à graduação de 3º Sargento e seu comportamento militar era classificado como “ÓTIMO”. Vindo a falecer no dia 27 de março de 1965 durante as operações de contraguerrilha que visavam abafar o movimento liderado pelo ex-coronel de Artilharia do Exército Jefferson Cardim de Alencar Osório, sendo promovido Post-Mortem ao posto de 2º tenente.



Figura 1. Foto do casamento. Camargo com a senhorita Maria da Penha Correa Soares.

Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Em aproveitamento da situação, o Governo Militar soube usar o falecimento do sargento Argemiro Camargo para defender o sistema e difamar a guerrilha. Foi explorada ao máximo a sua imagem de militar cumpridor do dever, o qual deu sua vida para defender o interesse da nação. Após o falecimento do sargento Camargo fora divulgado à imprensa uma fotografia de seu casamento, realizado um ano antes do ocorrido (Figura 1). A divulgação da fotografia tirada junto com a sua noiva, a Sra. Maria da Penha Correa Soares, foi acompanhada da informação de que ela estava grávida, no sétimo mês de gestação do seu primeiro filho. Deve ser compreendido que, numa sociedade de migrantes gaúchos, em sua grande maioria

composta por católicos praticantes, tal informe era carregado subjetivamente de valores. Iniciara-se, neste momento, a construção do carisma do “herói” regional.

Não se tem a pretensão de afirmar que o sargento Camargo *não* tenha praticado suas obrigações militares com fervor e aplicação, tampouco realizar um julgamento sobre a pessoa e/ou seu caráter, muito menos sequencializar juízos de valor sobre sua dignidade. O que se pretende compreender é a maneira como foi construída a figura do “herói” regional e mártir, que serviu como exemplo de nacionalidade e atitude contra a ameaça política comunista em momentos de instabilidade que vivia a nação.

A construção ideológica de um “herói” regional

Ao dissertar sobre memória e identidade, Tedesco expõe que através do acúmulo de lembranças é que a memória constrói valores e ideias que irão moldar a personalidade de uma pessoa, e que neste seguimento, a memória é o componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social. Neste sentido, se percebeu que cada vez mais os elementos “mediadores de memória”, individual ou coletiva, política de lembrança e de esquecimento servem de suporte para a organização e formação de cultura, identidade social, tradição e materialização de formas simbólicas de vidas cotidianas, e subsequentemente os fatos históricos (TEDESCO, 2004, p.28).

Lembrando, ainda, que a “lembrança do indivíduo se forma com o contato com outros, no âmbito de relações formais ou informais mediante comunicações lingüísticas ou culturais diversificadas” (FÉLIX, 2004, p.93-94). Todas as sociedades ao longo do tempo construíram para si um elaborado sistema de representações e idias coletivas e através destas, construíram sua identidade. Tal sistema acaba por articular todo um complexo imaginário social, que inclui: uma visão de si mesmas sobre o passado, a construção de personagens símbolos com a atribuição de valores a estes, características e hábitos delimitados por uma determinada região.

De acordo com Tedesco, os “estudos da memória” estão auxiliando as análises do cotidiano presente tanto no passado quanto:

[...] uma forma de fazer o tempo passado se presentificar analítica e oralmente; de construção e reconstrução social de vividos; de entender formas e representações simbólicas históricas e educacionais; de entender tempos e espaços que necessitam de valores e significados culturais nem sempre em harmonia entre vividos e concebidos, expressos nas condições de existência passada, atuais e projetivas (TEDESCO, 2004, p.29).

Pode ser compreendida como uma expressão deste desenvolvimento o estudo da construção do “herói” regional, sargento Camargo, no sudoeste paranaense, sendo exemplificado como um elemento mediador de memória, originário de um drama histórico que contribuiu maçadamente na formação da identidade social e política da região. Neste contexto de raciocínio, o estudo de memórias individuais e coletivas pode ser uma chave para compreender grupos sociais e os indivíduos que os integram, produzindo e transmitindo narrativas sobre sua história e de espaços vividos (ROCHA, 2005, p.92).

Com a morte em campanha nas operações de contraguerrilha no ano de 1965, o sargento Camargo se tornou símbolo da luta política de seu tempo. É praticamente impossível analisar sua construção como “herói” e não ligar com a conjuntura política nacional daqueles tempos.

Sendo que “a invenção cultural não se dá num terreno absolutamente livre e sim num campo de possibilidades histórica e culturalmente limitado” (CASTRO, 2002, p.11), através do personagem militar simbolizado fora recriada uma atitude política considerada apropriada para o cidadão da região no período supracitado.

O que ocorreu no sudoeste paranaense foi uma construção de um “herói” regional, pertencente a uma instituição nacional, herdeira de tradição específica que, por sua vez, estava naquele instante designada a cumprir uma missão: construir uma Nação brasileira segundo seus ideais. Pode-se considerar que a constituição do “herói” sargento Camargo fora uma das mais importantes e duradouras

iniciativas no campo simbólico elaborada pelo Exército na região. Pois os “símbolos são linguagens, linguagens de consciência e de formulação de consciência” (TEDESCO, 2004, p.49).

Suas homenagens fora a ritualização simbólica que expressava o pertencimento das tropas e da população sudoestina vinculadas a valores profundos de identidade nacional e postura política no momento político vivido pelo país.

Tedesco nos ensina que, ao se institucionalizar a memória de um grupo, se demonstra interesses e reconhecimento para que esta se torne a memória oficial do mesmo, e que

[...] a experiência individual pertence a um grupo. Noções de reconhecimento, testemunho, lembranças intercambiadas, membro/pertencimento, engajamento, unidade interna da consciência, representações coletivas e influencia social são fundamentais para a compreensão do olhar externo da memória [...] (TEDESCO, 2004, p.50).

A institucionalização do “herói”

O sargento Camargo virou uma “representação coletiva”, primeiramente entre a tropa e, mais tarde, na sociedade regional, uma imagem do passado que moldou *consciências* não mais do indivíduo, mas do social. Pois as representações coletivas “[...] funcionam como elemento de correspondência entre a experiência do indivíduo e a dos grupos; constituem a esfera de confluência dos valores, das crenças, dos modelos de comportamento [...]” (TEDESCO, 2004, p.156).

A memória também é responsável pela estruturação dos sistemas sociais, ou seja,

[...] pelo estabelecimento e manutenção de padrões interativos (tradições) e institucionais, subjazendo também a operações técnicas e científicas; inclui reminiscências, atitudes e sentimentos, regras sociais e normas, padrões cognitivos, assumindo formas ideais e materiais que se encontram concretamente imbricadas e que pode ser separadas analiticamente (TEDESCO, 2004, p.169).

Neste contexto, o Exército Brasileiro promoveu e oficializou, através de seus atos, o que neste estudo denominamos de *institucionalização* do “herói” regional. Pois a memória coletiva pode assumir uma aparência ou caráter institucionalizado, representando-se na prática de cultos em níveis comunicativos, já que sua função principal é fortalecer a coesão do grupo garantindo a sua identidade.

Logo depois da prisão dos guerrilheiros na região de Capitão Leônidas Marques, soldados da 1ª Companhia de Francisco Beltrão, sob o comando do tenente Sávio, ficaram responsáveis pela escolta destes até o quartel de Foz do Iguaçu, o 1º Batalhão de Fronteira. Então, ao chegarem logo foram agraciados pelos oficiais-generais, principalmente pelo general Justino Alves Bastos², o qual comandou pessoalmente as operações finais de apresamento do chefe do grupo de guerrilheiros no sudoeste paranaense.



Figura 2. O reconhecimento do chefe. O general Justino cumprimenta o oficial e o sargento que realizaram a prisão do ex-coronel Jefferson Cardim. Soldados que participaram da operação estão sobre o caminhão.

Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Justino Alves Basto pronunciou um pequeno discurso em elogio à tropa ainda no aeroporto e fez uma referência especial ao sargento Camargo, dizendo que “infelizmente a Pátria exige este sacrifício”, acrescentando: “Assim como foi o sargento Camargo, poderia ter sido qualquer outro soldado ou este que vos fala, o sacrificado no cumprimento do dever”.³

O discurso do general, por si só, já fez incorporar identificações ressignificadas no sentido coletivo entre seus homens, motivados imensamente pela dimensão emocional oriundas do sentimento de perda de um companheiro. Certamente isso fortaleceu o sentido de *corpus* e identidade coletiva entre a tropa.

O relatório do tenente Juvêncio descreve da seguinte maneira o encontro com o corpo falecido do “herói” e seu transporte até Francisco Beltrão: “Por este tempo alguém encontrou o corpo do Sgt Camargo, já morto. Não quis olhar o corpo. Dei ordem ao Sgt Ricieri para retornar com o corpo para Francisco Beltrão”⁴, o que, mais tarde, foi confirmado pelo próprio sargento Ricieri em seu Relatório de Operações⁵.

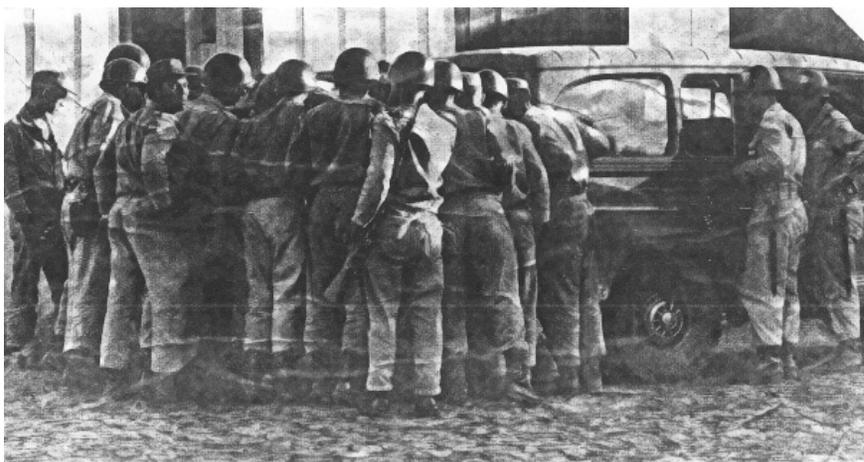


Figura 3. Chega o “herói”. Chegada do corpo do sargento Camargo ao Cemitério Municipal de Francisco Beltrão, onde foi velado por seus companheiros profundamente comovidos com sua morte.

Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

A população beltronense compareceu maciçamente do sepultamento do sargento Camargo⁶, sendo acompanhado através da imprensa nacional. A população civil prestou todo apoio moral e material ao sepultamento, Camargo, além de militar era professor de voleibol em estabelecimento de ensino católico, conhecido como Colégio das Irmãs, hoje Colégio Nossa Senhora da Glória.

Seu sepultamento seguiu o ritual militar com a presença de uma guarda fúnebre, um corneteiro executou o toque de silêncio, que por si só é triste, e os companheiros do sargento morto dispararam uma salva de tiros, rendendo-lhe a última homenagem militar e confirmando o reconhecimento da instituição e de seus pares pelo seu sacrifício em “nome” da nação (Conforme foto 3).

A cerimônia no cemitério municipal foi oficializada pelo capelão Frei José Maria e tiveram como expectadores o prefeito municipal Antonio de Paiva Cantelmo, o tenente Ubirajara Vieira das Neves demais autoridades civis e militares sediadas no município e na região.

Na mesma semana do sepultamento, duas coroas de flores foram colocadas na sepultura⁷ em nome da 5ª Região Militar (5ª RM) e da Força Aérea, caracterizando a última homenagem ao sargento Camargo. Tais coroas foram postadas pelo general Álvares Tavares Carmo, Comandante da 5ª Região Militar (5ª RM) e o brigadeiro Artur Carlos Peralta, Comandante da Escola de Oficiais Especialistas e de Infantaria de Guarda da Aeronáutica.



Figura 4. O sepultamento. Guarda de honra no sepultamento do sargento Camargo, ao fundo vê-se a multidão que acompanha compadecida com a morte do militar beltronense.

Fonte: Livro de Recortes em memória ao Sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Estes oficiais-generais, além de expressarem a homenagem das Forças Armadas à família do militar falecido, em formatura geral dentro do quartelamento de Francisco Beltrão falaram à tropa que participou da campanha contra os guerrilheiros.

Ao se dirigir aos componentes da companhia de Francisco Beltrão, o Comandante da 5ª Região Militar pronunciou que estava

ali para conhecer aqueles que tomaram parte das Operações, os quais “desbaratarem o bando de subversivos” e que a 5ª Região Militar (5ª RM) estava orgulhosa da maneira como foi conduzida aquela situação por seus comandantes. Ao finalizar sua oração declarou que

[...] vocês, oficiais, sargentos, cabos e soldados, são o orgulho da 5ª RM, do III Exército e do Exército Nacional e da própria Pátria Brasileira. E o Sargento Camargo, que tombou na defesa de sua Pátria, será para nós todos, o símbolo da 5ª RM do soldado que cai no cumprimento do dever.⁸

Em seguida, o general Álvares dirigiu-se para a sala de reunião da unidade militar, onde os tenentes Sávio e Lemos que comandaram os pelotões que prenderam os guerrilheiros fizeram um completo relato das operações que culminaram com o desbaratamento total da guerrilha prematura iniciada no Uruguai.

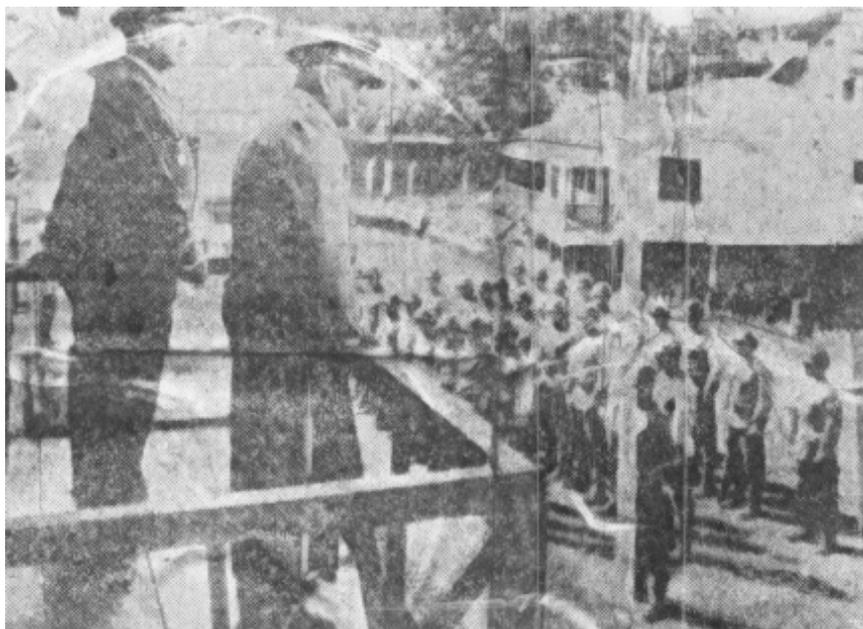


Figura 5. Formatura geral. No quartelamento de Francisco Beltrão o general Álvares Tavares Carmo fala à tropa que participou das Operações de contraguerrilha.

Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Porém, a simples presença de tais autoridades na região significava muito mais naquele momento conturbado, era a presença do Estado militarizado preocupado com a situação nacional.

Por determinação do excelentíssimo senhor Ministro da Guerra, o general Artur da Costa e Silva, o 3º sargento Carlos Argemiro de Camargo, qualificado como infante-fuzileiro recebeu a promoção Post-Mortem para a graduação de 2º tenente, bem como o processo de concessão da “Medalha Pacificador com Palma”.⁹ Por este motivo, a partir daí o “herói” regional será tratado neste trabalho como tenente Camargo, pois foi assim que ficaria conhecido em suas homenagens após seu falecimento.

O Ministro da Guerra também ordenou que em todas as organizações militares do país fosse realizada a missa de 7º dia em homenagem ao tenente Camargo. Na cidade do Rio de Janeiro, o I Exército por intermédio do general Octacílio Terra Uruguai convocou o povo carioca em geral e autoridades civis e militares com sede no Rio para comparecerem a solenidade religiosa em homenagem ao tenente Camargo, que ocorreu às 12 horas do dia 02 de abril na Igreja Cruz dos Militares.¹⁰

Na missa de 7º dia que ocorreu na cidade de Francisco Beltrão foi lida a seguinte mensagem que pode ser compreendida como uma liturgia política:

Ao saber dos acontecimentos que se multiplicavam incessantemente, no correr dos dias em direção ao futuro, os fatos vão devagar e perdendo os contornos e lentamente se integram no passado sem memória. Mas há os que viveram os fatos, e os que participaram do seu calor, de sua palpitação de vida e de presença, não esquecem tão cedo o que passou, hoje será a missa de 7º dia pela alma do sargento Carlos Argemiro Camargo, promovido póstumamente ao posto de 2º Tenente, há sete dias, ele tombou, primeira vítima de um bando de alucinados. É assim que começa, é assim que termina. A foto foi colhida no cemitério de Francisco Beltrão. Um soldado ora diante do túmulo que não se esquece, e, sob a cruz, mantém erguido o seu fuzil.¹¹

A apresentação da Figura 4 na homenagem da missa de 7º dia de falecimento do militar, intencionalmente ou não, teve uma prospecção enorme na estruturação do conjunto simbólico do episódio. Sendo que, a memória precisa de imagens e seu esquecimento é, contudo, dificultado, “Neste caso, a memória é parte de uma consciência simbólica, é um sentir mais profundo da vida, do tempo e da identidade”(TEDESCO, 2004, p. 49).

Herói, assim o general Itiberê Gouvêa do Amaral se referiu ao tenente Camargo ao ser o porta voz da Instituição Militar ao explicar o caso à imprensa. Disse, ainda, em tom ameaçador, que os “bandoleiros comunistas” do coronel Cardim acertariam contas com a Justiça Militar pela morte ocorrida.

Todo povo tem sempre seus mártires. No momento da sua morte, o saudoso sargento Camargo entrou para o Pantheon dos heróis do Brasil, vítima dos comunistas. Mas, o exemplo do sargento Camargo produzirá frutos e permaneceremos como sempre estivemos prontos para darmos aos comunistas a guerra sem tréguas que é necessária em todos os momentos.¹²

Nota-se perfeitamente no discurso dos oficiais-generais, nas ações do Ministro da Guerra o general Artur da Costa e Silva e na homenagem na missa de sétimo dia, a intenção da caserna de que o episódio não caísse no esquecimento e, conseqüentemente, perdesse no passado.



Figura 6. Soldado orando no túmulo do tenente Camargo. Sobre esta foto que a homenagem lida na missa de sétimo dia fazia referência.
Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Estes são indícios de que estava para surgir uma “memória coletiva”, ancorada e fundamentada na morte de um militar que, em breve, viria a ser o “herói” regional. E num contexto político onde o Estado militarizado detinha a manipulação e controle dos meios de comunicação, esta ação ficou facilitada. O Exército se encarregou de ser o agente na operação da memória coletiva na região, transformando o tenente Camargo no “herói” regional contra os inimigos da pátria.

Os militares são caracterizados como defensores da pátria na questão de território quando falham os embates diplomáticos, convivendo com uma construção ideológica da nação diariamente dentro de seus quartelamentos. Entretanto, esse discurso ideológico nacionalista que os distingue se uniu com aqueles valores destacáveis da vida militar, na tentativa de moldar a conduta e identificar toda a região (nação). Tal possibilidade de explicação resulta da aproximação do termo Pátria ao ato heroico, guerreiro e de sacrifício vinculados e identificados com o corpo militar.

O tenente Camargo reunia condições em que poderíamos considerar o herói *politicamente correto*, militar de comportamento *ótimo* dentro do quartelamento, casado, religioso, bem visto e quisto perante a sociedade civil e sem militância política. Dentro da reestruturação da Academia Militar das Agulhas Negras elaborada na década de 1940 por José Pessoa, a política deveria ser deixada de lado pelos militares – pois divide – enquanto a disciplina deveria ser enfatizada – pois une (CASTRO, 2002, p.41-42).

As comunidades devem ser distinguidas pela forma que são “imaginadas” e uma maneira é através da exaltação da tradição guerreira, que constitui larga duração no discurso militar vinculados com caracteres mitológicos da comunidade nacional, do povo, ou de tribo guerreira. Pois nacionalidade se desenvolve com um histórico de “*lucha*” (MARTINEZ, 2006, p.39).

Considerações Finais

Creio que o objetivo principal ou meta ser alcançada pela personificação do “herói” regional era a afirmação do Governo Militar perante os civis, enquanto dentro da caserna via-se a possibilidade de aumentar a coesão, o espírito de corpo e a unidade interna. Evitando, assim, o surgimento de novos *lamarcas*, ou seja, evitar a indisciplina e a atuação partidária de militares. Pois, pela memória coletiva, o lugar recebe a marca do grupo e o grupo recebe a marca do lugar.

No entanto, comportamentos modais revelam uma organização social de uma determinada região e que a noção de valores é indissociavelmente ligada às ações, pois os cânones de julgamento que as pessoas fazem sobre os fatos são empíricos (ROSENTAL, 1998, p.160). Ainda, se deve ter em mente a história de colonização que ocorreu quinze anos antes da ação da guerrilha e na qual o Exército auxiliou os colonos não somente na ocupação do espaço, mas no movimento social que se eternizou como o Levante de 1957 ou Revolta dos Possesiros.

A morte do sargento Camargo para a sociedade beltronense foi, conseqüentemente, a perda de um membro da comunidade. Se levada em consideração as circunstâncias, que em uma cidade pequena, onde relações e pessoas se tornam mais próximas, a interação do militar com a sociedade e o próprio histórico do Exército na região durante o período de colonização. Neste sentido, notório e facilitado fica o entendimento da presença da população civil no sepultamento conforme Foto 3.

Esta ideológica criação do “herói” regional (tenente Camargo) com diversas homenagens pós-morte, fez com que o povo se sentisse parte do combate, criando-se, no sudoeste o que Pollack chama de “memória coletiva”, pois, de acordo com este mesmo autor, “a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional a forma mais completa de uma memória coletiva” (POLLACK, 1989, p.3).

Notas

* Graduado em História pela Universidade Paranaense e Mestrando em História Política pela Universidade de Passo Fundo. Artigo produzido como requisito parcial para conclusão da disciplina de História, Memória e Patrimônio do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

¹ Relatório do Tenente Lemos, Transcrito no Livro Histórico da 3ª Companhia do 33º Batalhão de Infantaria de Francisco Beltrão – PR, do Livro de Memórias do Tenente Camargo que se encontra no Museu Militar Tenente Camargo nas dependências do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado na cidade de Francisco Beltrão-PR.

² O general Justino Alves Basto também coordenou as movimentações para neutralizar as Ligas Camponesas em 1955, lideradas pelo ex-deputado pernambucano Francisco Julião Arruda de Paula.

³ Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

⁴ Relatório das Operações do 1º tenente Juvêncio Saldanha Lemos comandante do 1º Pelotão de Infantaria, no qual estava o Sargento Camargo. Lemos estava a um mês na Sub-unidade de Francisco Beltrão, tinha vindo do Canal de Suez onde era integrante da Força de Paz, a primeira Missão de Paz do Exército Brasileiro.

⁵ Relatório das Operações do 2º sargento Ricieri Franzon comandante do 2º Pelotão de Infantaria.

⁶ Conforme Foto 54, ao fundo se percebe a presença maciça de populares.

⁷ A figura 36 retrata que o tenente Camargo fora enterrado em cova, seu túmulo foi construído somente no ano de 1967.

⁸ Relatório do pronunciamento do general Álvares Tavares Carmo, Comandante da 5ª RM ao pronunciar-se a tropa no quartel de Francisco Beltrão-PR. Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

⁹ Art.2º do Decreto 4.207, a Medalha do Pacificador com Palma será concedida pelo Comandante do Exército aos militares e civis brasileiros que, em tempo de paz, no exercício de suas funções ou no cumprimento de missões de caráter militar, tenham se distinguido por atos pessoais de abnegação, coragem e bravura, com risco de vida.

¹⁰ Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

¹¹ Leitura da Missa de 7º dia do falecimento do sargento Argemiro Camargo. Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. A foto que a mensagem faz referência é a foto 38.

¹² Discurso do general Itiberê Gouvêa do Amaral para a imprensa nacional. Fonte: Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Referências

ARAÚJO, Maria Celina de; CASTRO, Celso (Orgs). **Ernesto Geisel**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

AUGUSTO, Agnaldo Del Nero. **A grande mentira**. Rio de Janeiro: Bibliex , 2002.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: UPF, 2004.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

LUCCHESI, Ivo. O declínio da heroicização no Ocidente. **Revista Saberes**, n. 1, Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, mar./ago. 2008.

MACHADO, Lacy Guaraciaba. A construção da imagem do herói: uma abordagem inicial. **Revista Estudos**, vol. 34, n. 2, Goiânia: Universidade Católica de Goiás, mar./abr. 2007.

MARTÍNEZ, Maria Ximena Alvarez. Brasil y Uruguay: la historia regional em el discurso militar uruguayo. **Revista de História Regional**, Verão. Curitiba: 2006.

MITCHELL, José. **Segredos à direita e à esquerda na ditadura militar**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1989.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ/Ed. da FGV, 1996.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ROSENTAL, Paul-André. “Construir o “macro” pelo “micro”: Frederik Barth e a “microhistoria”. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SILVA, José Wilson. **O tenente vermelho**. Porto Alegre: Tchê! Editores, 1987.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

USTRA, Carlos Alberto Brillhante. **A verdade sufocada**: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça. Brasília: Editora Ser, 2006.

Outras Fontes

Livro de Recortes em memória ao sargento Camargo, Museu do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Relatório do Tenente Lemos; Transcrito no Livro Histórico da 3ª Companhia do 33º Batalhão de Infantaria de Francisco Beltrão – PR, do Livro de Memórias do Tenente Camargo que se encontra no Museu Militar Tenente Camargo nas dependências do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado na cidade de Francisco Beltrão-PR.

Relatório das Operações do 2º sargento Ricieri Franzon, comandante do 2º Pelotão de Infantaria.

Abstract

In 1965, exactly one year after being introduced to the military dictatorship in Brazil, a revolutionary group in Uruguay and articles on the Armed Forces of National Liberation (FALN) within our country in order to foster a counterblow. However the isolation and small effective by the Armed Forces of National Liberation (FALN) failed its purpose and once captured by the Brazilian Army, which in its trail was one of his men died in combat, the sergeant Argemiro Carlos de Camargo. Camargo was transformed into a hero by the military, and held various military and civil ceremonies in his honor being built up on this episode, what this study called for *institutionalization* of regional hero. Guided by studies of memory as follows, will focus on how the research was the construction of this “hero”, that its institutionalization served to legitimize a political memory and influence in the region in favor of the interests of the military government in the troubled political moment in which the nation lived. As constructed the figure of the ‘hero’ regional and martyr, who served as an example of citizenship and stance against the communist threat in times of political instability and helped shape the feelings and opinions throughout the regional society.

Keywords: Army. Contraguerrilha. Memory. Hero.

